

APRESENTAÇÃO

O ensino de língua portuguesa, no Brasil, vem ao longo de sua história sofrendo algumas modificações em relação às perspectivas teóricas que o sustentam. Mais atualmente, desde a década de 1980, publicações como a organizada por Geraldi (1984), tendo como base a concepção sociointeracionista da linguagem¹, vêm alardeando que o texto seja tomado como objeto de ensino, não só para a leitura e a escrita/oralidade, mas também para o ensino de gramática (análise linguística). Mas, nesses mais de trinta anos, em muitas escolas brasileiras, principalmente nas públicas, ainda é comum o texto ser usado apenas como pretexto para o ensino de nomenclaturas e de regras gramaticais, que em quase nada auxiliam o aluno na reflexão sobre esses mecanismos linguísticos e sua importância para a leitura e a produção textual.

Além disso, em muitos casos, a falta de dialogismo² (no sentido bakhtiniano) nas atividades que envolvem a escrita/oralidade na escola tem tornado a produção textual algo insignificante. Isso se deve porque, geralmente, o texto que o aluno produz só tem serventia para o professor corrigir os problemas superficiais (como pontuação e ortografia) e lançar uma nota ou conceito, sem que isso proporcione um momento de interação verbal. No entanto, conforme Geraldi (2007), é preciso que o ambiente escolar se torne um local onde as práticas de linguagem se desenvolvam verdadeiramente, sendo o texto, com isso, o produto dessas produções discursivas.

Deve-se mencionar também que durante muitos anos o nosso ensino de língua materna esteve pautado numa classificação geral dos textos, ou seja, na concepção das tipologias que, muitas vezes, não refletem a classificação de determinados gêneros, devido a sua pluralidade tipológica. Com isso, nosso tratamento ao texto em sala de aula esteve bastante voltado para as tipologias textuais clássicas: narração, descrição e argumentação.

No entanto, a partir dos anos de 1990 documentos oficiais que regem nosso ensino, como *Os parâmetros Curriculares Nacionais*, passaram a preconizar que, na sala de aula, o

¹ Na concepção sociointeracionista, a linguagem é vista como forma de interação entre os indivíduos. Por isso, a língua só tem existência em suas realizações concretas ocorridas em situações definidas pelos parceiros da interação e com objetivos construídos socialmente.

² O dialogismo, conforme Bakhtin (1988), constitui-se como as relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados em qualquer forma de interação verbal.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

texto deve ser trabalhado numa perspectiva discursivo-enunciativa. Nesse sentido, as orientações pautadas nas tipologias e no ensino monológico passam a dar lugar aos gêneros textuais/discursivos e à dialogia na sala de aula.

O ensino de linguagem, com base nos gêneros textuais, necessita de uma verdadeira mudança teórica e prática por parte da escola e dos professores. E isso se deve porque trabalhar numa perspectiva dialógica exige mais tempo para o professor preparar suas aulas, requer que o ambiente escolar disponha de mais recursos e, também, exige dos alunos uma mudança de perspectiva em relação à leitura e à produção textual.

E é justamente em meio a discussões de mudança e outras possibilidades para o trabalho com gêneros textuais em sala de aula que se enquadra o dossiê temático desta edição da revista *Afluente*. Sendo assim, a seguir expomos pequenas apresentações dos textos publicados neste número. Começamos com aqueles que compõem nosso “Dossiê temático” A produção de gêneros textuais na escola”. Em seguida, aparecem os artigos com temática livre. Por fim, os leitores contarão com uma produção artística.

Dossiê Temático

Como componentes deste Dossiê Temático, os leitores encontrarão três artigos. São eles: “Uma abordagem textual-discursiva do gênero resenha” (de Ivan Vale de Sousa), “Revisão e reescrita em produção de textos de alunos do nono ano: uma perspectiva dialógica” (de Daniela Berbert Braga e Victoria Wilson da Costa Coelho), “Produção escrita e coesão textual: é possível trabalhar com a sequência do livro didático em sala de aula?” (de Talita Goulart Ferreira).

Em “Uma abordagem textual-discursiva do gênero resenha”, Ivan Vale de Sousa desenvolve um artigo a respeito da produção do gênero resenha no ensino fundamental. O autor apresenta uma discussão sobre a importância de como os gêneros textuais se tornaram frequentes nos propósitos de ensino e aprendizagem da língua, nas práticas escolares. O artigo objetiva conceituar os gêneros textuais e suas funções nas práticas escolares; focalizar o estudo textual-discursivo do gênero resenha e sua relação com o suporte em que é veiculado; e destacar a produção de resenhas com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública. Também o trabalho vislumbra a análise dos argumentos utilizados na produção pelos sujeitos na descrição, avaliação das obras-base: livro didático e filme. Os resultados evidenciam que o



ensino de língua, com base na concepção de gêneros textuais, contribui de forma significativa para a aprendizagem dos alunos.

Em “Revisão e reescrita em produção de textos de alunos do nono ano: uma perspectiva dialógica”, Daniela Berbert Braga e Victoria Wilson da Costa Coelho enfocam o processo de atividade de produção, revisão e reescrita de textos na escola. As autoras fazem uma reflexão sobre o fato de os alunos ainda não compreenderem a atividade de produção textual como um processo, mas sim como um produto acabado. No artigo, Daniela Berbert Braga e Victoria Wilson da Costa Coelho trabalham com a hipótese de que, para os alunos do Ensino Fundamental de uma turma de nono ano entenderem a produção textual como um processo, é preciso a sistematização de um ensino que promova a prática de reescrita de textos nas aulas de Língua Portuguesa. O artigo objetiva demonstrar como as atividades de produção escrita, revisão e reescrita de textos, tendo como motivação a leitura e a discussão de textos, podem contribuir para análise de como os alunos desenvolveram esse processo.

Em “Produção escrita e coesão textual: é possível trabalhar com a sequência do livro didático em sala de aula?”, Talita Goulart Ferreira trata das questões que envolvem a produção de textos em sala de aula. Como o ensino de língua portuguesa deve promover e estimular atividades que desenvolvam a produção escrita do aluno-autor, a autora apresenta atividades elaboradas a partir de uma proposta de escrita de um Livro Didático a ser realizada em sala de aula. Talita Goulart Ferreira evidencia que o LD é uma ferramenta bastante utilizada nas escolas e, por isso, propõe o seu uso em sala de aula. Para isso, porém, o texto mostra que o professor tem o papel fundamental no que diz respeito ao uso do LD, devendo fazer um uso consciente desse material e realizar adaptações das atividades propostas sempre que necessário. Afim de ilustrar isso a autora seleciona uma atividade de um LD que explora a proposta de escrita do gênero *artigo*, com ênfase nos conhecimentos enciclopédico e interacional. Dessa forma, acrescenta questões relacionadas ao conhecimento linguístico do aluno e dar enfoque no uso de conectores no processo de escrita do gênero *artigo*. Os resultados desse trabalho indicam que é possível planejar o ensino de produção de textos a partir de atividades encontradas no LD.

Temática livre

Em “Texto e leitura: uma abordagem histórico-cultural para a formação do leitor”, Cleber Ferreira Guimarães objetiva identificar e analisar as concepções de texto e de leitura presentes no Currículo Oficial de Língua Portuguesa do estado de São Paulo (2010). Partindo

do viés dialógico de língua(gem) e texto da concepção de leitura como atividade complexa de construção de sentidos o autor enfatiza que o Currículo Oficial está em consonância com os pressupostos epistemológicos (histórico-culturais) que balizaram essa investigação, embora não apesente, explicitamente, uma concepção de leitura para direcionar o trabalho docente. Contudo, o autor mostra que o referido material pode contribuir significativamente para a formação contínua do professor de língua portuguesa, possibilitando uma reflexão crítica sobre sua prática, bem como sobre as coleções didáticas distribuídas pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e que são utilizadas como principal recurso didático nas aulas de língua materna.

Em “Não é mera coincidência: algumas considerações sobre a telenovela brasileira”, Alana de Oliveira Freitas El Fahl tece algumas considerações acerca da importância da telenovela brasileira exibida pela Rede Globo como um relevante produto de cultura do nosso país, refletindo acerca da presença da telenovela no cotidiano do brasileiro como um meio poderoso de entretenimento e reflexão sobre problemáticas sociais e humanas que envolvem os telespectadores e os fazem discutir sobre temas considerados tabus para a sociedade através de elaborada linguagem artística.

Em “A inserção da mídia e das tecnologias digitais na educação: um enfoque a partir dos pressupostos dos letramentos”, as autoras Simone Dália de Gusmão Aranha e Iolanda Paula de Lima Brito Mata trazem reflexões a respeito dos estudos mais atuais sobre letramento, visando discutir as práticas pedagógicas e o uso dos conteúdos midiáticos em sala de aula.

No artigo “Imagens de ensinar e de ser professor de português como língua estrangeira” Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos discute a respeito de programas de formação de professores de português, especialmente, como língua estrangeira (PLE), apresentando reflexões acerca de como os sujeitos professores de PLE discursam sobre o ensinar e sobre o ser professor de PLE.

Em “Crenças, memórias e intuições na narrativa de um professor de inglês - língua estrangeira - em construção”, José Halmério Araújo e Fábio Marques de Souza apresentam uma (auto)reflexão a respeito das crenças, memórias e intuições que permeiam a nossa constituição como professor de inglês - língua estrangeira.

E no artigo “Dialogismo, reescritura, recepção: apontamentos teóricos”, Cristiane Navarrete Tolomei traz uma breve reflexão a respeito das principais teorias da literatura



comparada no estudo dialógico, de Mikail Bakhtin, na teoria da reescritura, de André Lefevere e na teoria da estética da recepção, de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser.

Produção Artística

Por fim, temos a produção artística “A flor e a memória”, de Luciano da Silva Façanha e de Marcos Francisco Teixeira Costa dando ao leitor a oportunidade de deleitar-se com um texto ficcional que reflete a vida real.

Como visto, o assunto desta edição é bem diverso e as perspectivas de abordagem teórica também. Assim, desejamos uma boa leitura a todos que tiverem a oportunidade de conhecer a revista Afluente.

Profa. Dra. Tânia Maria Moreira
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Paulo da Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão

Organizadores